

Notas sobre a História da Revolução Cultural Chinesa (1966-1976)

Cristiane Soares de Santana*

Resumo:

Este artigo analisa a história da Revolução Cultural Chinesa ocorrida entre 1966 e 1976. Investigando esse importante período da história recente da China. Nosso trabalho busca compreender essa tentativa de construção de um estilo específico de socialismo baseado no retorno periódico dos militantes do Partido Comunista Chinês ao trabalho no campo e nas fábricas visando, através deste contato com as massas, a criação de uma nova sociedade edificada sob um conjunto de valores morais.

Palavras-chave: Revolução Cultural; China; Mao Tsé Tung.

Abstract:

This article analyzes the history of Chinese Cultural Revolution that occurred between 1966 and 1976. Investigating this important period the recent history of China, our work aims to understand this attempt to construct a style of socialism specific based on periodic return militants Chinese Communist Party to the work in the field and factories to through this contact with the masses to create a new society built on a set of moral values.

Keywords: Cultural Revolution; China; Mao Tsé Tung.

* Mestre em História Social pela Universidade Federal da Bahia. E-mail: crysthianesantana@yahoo.com.br

Um processo de revisão política se iniciou na segunda metade dos anos 50 com as resoluções do XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, onde foi reafirmada e consolidada a política de “coexistência pacífica”. Logo, a exclusividade do caminho armado para a revolução socialista desaparecia, o qual passaria a dividir espaço com a idéia da transição pacífica do capitalismo ao socialismo. A consequência disso foi a alteração das perspectivas políticas dos Partidos Comunistas Mundiais e sua autonomia em relação ao Partido Comunista da União Soviética (FERREIRA, 1999).

As declarações de Nikita Kruchev no XX Congresso do Partido Comunista da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas denunciando os crimes de Josef Stalin e propondo a tese da chamada transição pacífica do capitalismo para o socialismo, deram o primeiro passo para o estremecimento das relações entre a China e a URSS.

O Partido Comunista Chinês afirmava que as críticas à Stalin e a tese da coexistência pacífica eram errôneas e indicavam o crescente revisionismo do PCUS. Numa famosa carta escrita em 14 de junho de 1963, na qual o Partido Comunista Chinês recapitulava seu posicionamento em relação às teses do XX Congresso através de 25 pontos.

O princípio de coexistência pacífica de Lênin é bem claro e de fácil compreensão para as pessoas simples. A coexistência pacífica se refere às relações entre países com distintos sistemas sociais, e ninguém pode interpretá-la segundo lhe convenha. A coexistência pacífica não deve estender-se jamais às relações entre as nações oprimidas e as nações opressoras, entre os países oprimidos e os países opressores, ou entre as classes oprimidas e as classes opressoras, não deve considerar-se jamais como o conteúdo principal da transição do capitalismo ao socialismo, e menos ainda como o caminho da humanidade para o socialismo. A razão consiste em que uma coisa é a coexistência pacífica entre países com distintos sistemas sociais, no qual nenhum dos países pode, nem lhe é permitido, tocar nem sequer um só fio de cabelo do sistema social dos outros, e outra coisa é a luta de classes, a luta de libertação e a transição do capitalismo ao socialismo nos diversos países, que são lutas revolucionárias, inflamadas, de morte, encaminhadas a mudar o sistema social. A coexistência pacífica não pode, de nenhuma maneira, fazer as vezes lutas revolucionárias

dos povos. A transição do capitalismo ao socialismo em qualquer país só pode realizar-se mediante a revolução proletária e a ditadura do proletariado nesse mesmo país. (CÔMITE CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DA CHINA, 1963: 67-68).

Segundo Devillers (1975), as divergências entre a China e a URSS puderam ser apreciadas no âmbito da política estrangeira, através das críticas veladas de Kruchov a Mao Tsé Tung, ao declarar que a edificação socialista na China ultrapassava etapas. Além disso, em 1960, Kruchov retirou da China todos os peritos soviéticos desferindo um golpe bastante intenso na economia do país. A consequência disso foi a ruptura do Partido Comunista Chinês com o Partido Comunista da União Soviética.

Mao Tsé Tung acreditava que cada vez mais o PCUS enveredava pelo caminho não leninista e que essas mudanças no caráter do Partido acarretariam transformações na política do campo socialista e no futuro da luta do proletariado mundial.

O avanço para o comunismo quer dizer o desenvolvimento na direção de elevar a consciência comunista das massas populares. É inconcebível uma sociedade comunista em que persista a ideologia burguesa. Porém Kruchov insiste por fazer renascer a ideologia burguesa na União Soviética e trabalha como um missionário da putrefata cultura norte americana. Difunde o incentivo material, reduz as relações entre os homens a simples relações de dinheiro e fomenta o individualismo e o egoísmo. Devido a ele, o trabalho manual volta a ser considerado como algo indigno, e o amor aos prazeres as custas do trabalho alheio, como algo honorável. (CÔMITE CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DA CHINA, 1963: 430)

Foi justamente nesse contexto do cisma sino soviético que Mao Tsé Tung começou a refletir sobre os caminhos que a revolução na China estaria seguindo graças à crescente burocratização do Partido Comunista Chinês. Para ele, mesmo que a sociedade chinesa fosse controlada por um partido proletário ela não estaria livre de ver ressurgir as antigas práticas capitalistas.

Para Mao, la evolución experimentada por la sociedad soviética en las últimas décadas, ha constituido y constituye la más grave y

Cristiane Soares de Santana

alarmante desnaturalización sufrida por el movimiento revolucionario socialista en toda su historia; según el, ha concluido con una restauración de clase, llevada a cabo por una minoría de tecnócratas y burócratas que, monopolizando las instituciones estatales colectivas y los instrumentos de producción, se ha transformado en una nueva clase dirigente, limitada y privilegiada, que excluye a la gran mayoría de las masas de la participación efectiva en la vida política y del control sobre los medios de producción, sometiéndola a la explotación económica y a la represión política, social y cultural. (PISCHEL, 1973: 14)

Em 1959, Mao Tsé Tung deixou o cargo de presidente da República Popular da China e passou a se dedicar ao trabalho de aperfeiçoamento dos quadros e das massas. O objetivo era politizar ao máximo as massas para evitar que os integrantes do Partido estivessem seguindo o caminho da rotina burocrática. Desse modo, em 1962 lançou-se o Movimento de Educação Socialista, que foi uma campanha nacional de doutrinação política e ideológica de “retificação” do partido visando afastá-lo da influência do moderno “revisonismo kruchevista” e reavivar o socialismo no seio do Partido. Esse movimento político foi a última tentativa de “retificação” dos quadros que seguiam a “linha capitalista” antes da Revolução Cultural.

A “Revolução Cultural Proletária” pode ser apreendida como um choque entre as concepções das duas elites partidárias em relação aos destinos da nação chinesa. Segundo Audrey (1976), havia duas elites na alta esfera do Partido Comunista Chinês as quais a autora identifica como “militante” e “funcional”. A “elite militante” era oriunda do período das Comunas de Shangai e Cantão, da Longa Marcha e da luta contra o Japão. Com o crescimento do Partido, esse grupo foi reduzido e ficou sem força diante dos militantes sem passado revolucionário. A “elite militante” acentuava a transformação do homem através de uma vida de sacrifícios pessoais e sem privilégios, incentivava a participação das massas nas tarefas da direção e alimentava o desejo de implantar o coletivismo no campo e na cidade, etc.

Enquanto que a “elite funcional” era herdeira da burguesia e dos intelectuais compreendendo artistas, engenheiros, técnicos, médicos e professores. Ao longo dos anos, sua influência cresceu devido ao aumento

da complexidade das relações entre Estado, Partido e Administração, além do avanço dos setores modernos da economia o que promoveu a ampliação dos quadros da “elite funcional”.

A preocupação desta “elite militante” com esse grupo já se expressava desde os princípios da revolução, pois nos primeiros anos após a fundação da República Popular tentou-se enquadrar esse grupo aos novos padrões morais impostos pelo regime através de “campanhas de retificação”. No entanto, estas não foram suficientes para que a transformação do corpo político partidário se sucedesse.

A história da China no século XX foi marcada por inúmeras campanhas de denúncias contra ex-membros do Kuomintang, ex-fazendeiros, quadros vistos como não revolucionários, intelectuais, etc. Em 1951, apenas dois anos após a fundação da República Popular da China, Mao Tsé Tung lançou a campanha dos “três anti”.

O “três anti” foi uma campanha lançada entre os trabalhadores dos departamentos governamentais e das empresas estatais, que visava lutar contra os três “vícios”: a corrupção, o desperdício e a burocracia. O governo tinha como objetivo identificar quadros comunistas que estivessem envolvidos em diversos casos de ganhos ilícitos, desvios de dinheiro, desperdício com promoção de festas às custas do Estado, num momento em que o país passava por problemas econômicos e tentava se restabelecer dos anos de guerras civis ocorridas antes da fundação da República Popular da China em 1949. A segunda campanha foi denominada de “cinco anti”, a qual foi lançada em 1952 lutando contra cinco desvios: suborno, fraude, evasão fiscal, roubo e desvio de informações econômicas. (TSÉ-TUNG, 1977, v. V, p.67)

Essas duas campanhas tinham como objetivo estabelecer o controle sob os membros do partido e da sociedade. Segundo Chang (1994), o governo enviava equipes às províncias para analisarem o comportamento das autoridades e dos funcionários públicos suspeitos, os quais eram encaminhados para se reeducarem no campo ou na fábrica através do trabalho produtivo, caso tivessem cometido algum crime. Segundo Mao Tsé Tung, em um texto escrito em 1952,

Cristiane Soares de Santana

Deve-se dar tanto destaque à luta contra a corrupção, o desperdício e a burocracia como à luta pela eliminação dos contra revolucionários. Tal como nesta última, as amplas massas – incluindo os partidos democráticos e pessoas de todos os sectores sociais – devem ser mobilizadas; esta luta deve ser largamente propagandeada; os quadros dirigentes devem assumir pessoalmente a direcção e lançar-se ao trabalho; e as pessoas devem ser chamadas a confessar abertamente o seu mau procedimento e a apontar as culpas dos outros. Em casos de menor gravidade, os culpados devem ser demitidos do cargo, punidos ou condenados à penas de prisão, e os piores de entre eles devem ser fuzilados. (sic., TSÉ-TUNG, 1977, v. V, p.70)

O Movimento Cem Flores (1956-1957) estimulou o debate intelectual através do lema - que desabrochem cem flores, cem escolas do pensamento. Com o desejo de saber o que a intelectualidade chinesa pensava sobre o Partido Comunista, foi iniciado tal movimento, o qual obteve como saldo muitas críticas em relação ao PCCh. A consequência disso foi o lançamento da Campanha Antidireitista em 1957, através da qual se promoveu uma luta contra os “elementos de direita”, os quais foram enviados ao campo para passarem por uma “reeducação ideológica”.

Após as sucessivas reformas agrárias e o Grande Salto para Frente (1958), iniciou-se um processo de restauração econômica liderado pela “elite funcional”, representada por Liu Shao-Chi e Deng Xiaoping. Em contra ofensiva, foi lançado em 1964, o Movimento de Educação Socialista por meio do qual se identificaram os quadros comprometidos com a “linha burguesa”. Porém, como foi dito anteriormente, essas sucessivas tentativas de combater a “elite funcional” no seio do Partido não foram suficientes, tendo como continuação desse embate a ocorrência da Revolução Cultural, a qual pode ser entendida como uma contra ofensiva dessa “elite militante”.

A partir de 1963, desencadeou-se uma luta ideológica e política no grupo dirigente chinês representado por uma “elite militante” adepta das idéias de Mao Tsé Tung e contrária às idéias e ao comportamento da maioria do partido, constituído pela “elite funcional”. Com o objetivo de modificar a orientação política geral do país esse grupo deu início a revolucionarização dos setores da cultura, do ensino e da propaganda.

A Revolução Cultural teve início com uma crítica literária a uma peça de teatro chamada “A destituição de Hai Rui”, escrita pelo vice-prefeito de Xangai, Wu Han, a qual promoveu uma luta no seio do Partido, logo que tratava da estória de um funcionário antigo que havia sido vítima do imperador tirânico injustamente. Na verdade, essa peça fazia menção à destituição do Marechal Peng Dehuai, ocorrida em 1959, quando este escreveu uma carta tecendo críticas às políticas econômicas adotadas durante o Grande Salto para Frente.¹

Foi escrita uma crítica sobre esta peça na imprensa por Yao Wenyan, jornalista e membro da seção de propaganda do Comitê Municipal de Shangai. Por trás desta crítica estava o descontentamento de Mao Tsé Tung com o grupo da “elite funcional”, os quais haveriam abandonado as suas posições socialistas.

Em meio a essa luta no interior do alto escalão, o documento *A Circular 16 de maio* promoveu uma verdadeira reviravolta na Revolução Cultural, já que rompeu com o procedimento de lutas secretas no Partido e trouxe à tona as contradições existentes entre as facções, convocando a população a lutar contra os quadros do alto escalão (NAVES, 2005). De modo que,

o Partido deve levar, bem alto erguido, o grande estandarte da revolução cultural proletária, denunciar a fundo a posição reacionária burguesa desse grupo de “sumidades” acadêmicas anti-Partido e anti-socialista, criticar totalmente e todas as idéias reacionárias burguesas dos meios acadêmicos, pedagógicos, jornalísticos, literários, artísticos e do Mundo da edição, assim como assegurar a direcção da cultura em todos os domínios. (sic., DEVILLERS, 1976: 215)

¹ O Grande Salto para Frente foi um conjunto de medidas econômicas que visava a reorganização e a aceleração da produção no campo através da iniciativa e mobilização das massas. A implantação de tal idéia enfrentou inúmeros problemas, tais como as calamidades naturais e a retirada dos técnicos soviéticos devido à ruptura das relações entre os dois países, o que contribuiu para um processo de retração econômica que se instalou no país no final dos anos 50 e início dos anos 60. (NAVES, 2005)

Cristiane Soares de Santana

Por trás do desencadeamento de um grande movimento de massa, visava-se a transformação ideológica e cultural do país. O apelo às massas teve como resultado o surgimento de críticas públicas aos quadros dirigentes e às práticas político-administrativas desenvolvidas até então.

De facto, a população tinha que ser mobilizada para criticar tudo o que, na sociedade, sofria a influência da tradição. Era o caso da pedagogia, da literatura, da arte, aspectos da Revolução Cultural (...). Era igualmente necessário que o povo pudesse criticar o funcionamento das engrenagens do Estado. (DAUBIER, 1974: 21).

Além disso, “procurava-se também acordar a vigilância das massas de forma a que estas descobrissem nos locais de trabalho ou nas escolas manifestações da influência revisionista e, caso isso acontecesse, criticassem os responsáveis do Partido em que essa influência se apoiasse.” (DAUBIER, 1974: 64). Essas críticas foram feitas por meio de grandes cartazes que se denominavam *dazibaos*.²

Nesse momento, dois documentos foram publicados reforçando a Revolução Cultural: *o Comunicado da 11ª Sessão* e a *Resolução do Comitê Central do Partido Comunista Chinês sobre a Revolução Cultural Proletária*, conhecido como *Resolução dos 16 pontos*. O primeiro documento pode ser interpretado como um verdadeiro chamamento às massas para que estas promovessem o sucesso da Revolução Cultural.

La Sesión Plenaria sostiene que la clave para el éxito de esta gran revolución cultural reside en confiar en las masas, apoyarse en ellas, movilizarlas con audacia y respetar su iniciativa. Por lo tanto es imperativo perseverar en la línea de “de las masas, a las masas”. Hay que ser alumno de las masas antes de convertirse en sus maestros. Hay que temer a los desordenes. Hay que oponerse a quienes tomen la posición de la burguesía amparen a los derechistas, golpeen a la izquierda y reprimen la gran revolución cultural proletaria. Hay que oponerse al establecimiento de muchas restricciones que aten de pies y manos a las masas. Hay que

² Segundo CHANG-SHENG (2005), *dazibao* é uma forma chinesa de declaração política. São grandes folhas de papel, nas quais o autor escreve suas opiniões políticas. Foi a mais comum forma de expressão política na China.

oponer se a quienes actúen como señores burocráticos y cabalguen sobre las masas dictándoles ordenes a ciegas. (DECISION DEL COMITE CENTRAL DEL PARTIDO COMUNISTA DE CHINA SOBRE LA GRAN REVOLUCION CULTURAL PROLETARIA, 1970: 165)

Esse documento apresentava a nova linha que deveria ser seguida pelo Partido Comunista Chinês: a “linha de massas”, logo estas dirigiram o movimento em prol da construção do socialismo e se encarregariam da expulsão dos militantes que supostamente estivessem comprometidos com a “linha capitalista”.

A *Resolução dos 16 pontos*, foi o documento que regeu a Revolução Cultural trazendo em seu conteúdo o direcionamento necessário para o seu desenvolvimento. De acordo com ele, a revolução tinha como objetivo identificar e destituir os elementos que seguiam a “linha capitalista” e aqueles que difundissem a ideologia burguesa na academia e na cultura.

Nuestro objetivo actual es aplastar, mediante la lucha, a los que ocupan puestos dirigentes y siguen el camino capitalista, criticar y repudiar a las “autoridades” reaccionarias burguesas en el campo académico, criticar y repudiar la ideología de la burguesía y demás clases explotadoras y transformar la educación, la literatura y el arte y los demás dominios de la superestructura que no corresponden a la base económica del socialismo, a fin de facilitar la consolidación y el desarrollo del sistema socialista. (DECISION DEL COMITE CENTRAL DEL PARTIDO COMUNISTA DE CHINA SOBRE LA GRAN REVOLUCION CULTURAL PROLETARIA, 1970: 154)

As forças principais desse movimento seriam as amplas massas de trabalhadores, camponeses, soldados, intelectuais revolucionários e quadros revolucionários. A mobilização das massas foi algo apresentado no documento como essencial para o desenvolvimento da Revolução Cultural, para que estes expusessem suas opiniões e criticassem as posturas dos membros dos grupos e comitês da revolução quando necessário.

Es necesario lograr una plena y franca exposición de opiniones haciendo pleno uso de los dazibao y de los grandes debates, de modo que las masas clarifiquen los puntos de vista correctos critiquen los erróneos y desenmascaren a todos los monstruos.

Cristiane Soares de Santana

(DECISIÓN DEL COMITE CENTRAL DEL PARTIDO COMUNISTA DE CHINA
SOBRE LA GRAN REVOLUCION CULTURAL PROLETARIA, 1970: 157)

Para reger a Revolução Cultural foram criadas várias organizações de massa, como comitês e grupos dentro das escolas, instituições e fábricas.

Por lo tanto, los grupos, comités y congresos de la revolución cultural no deben ser organizaciones provisionales, sino organizaciones de masas permanentes y duraderas. Son adecuados no solo para las escuelas y las instituciones, sino en lo fundamental también para las fábricas, minas y otras empresas, para los barrios y aldeas. (DECISIÓN DEL COMITE CENTRAL DEL PARTIDO COMUNISTA DE CHINA SOBRE LA GRAN REVOLUCION CULTURAL PROLETARIA, 1970: 159)

Visava-se acabar com o domínio da intelectualidade nos centros docentes, mas, para isso, se promoveu a crítica aos “seguidores da linha capitalista” que estivessem atuando no meio acadêmico.

Se debe organizar la crítica a los representantes típicos de la burguesía que se han infiltrado en el Partido y a las típicas “autoridades” reaccionarias burguesas en los campos académicos, incluyendo a todo tipo de puntos de vista reaccionarios en la filosofía, la historia, la economía política y la pedagogía, en las obras y teorías literarias y artísticas en las teorías de las ciencias naturales, así como en otros campos. (DECISIÓN DEL COMITE CENTRAL DEL PARTIDO COMUNISTA DE CHINA SOBRE LA GRAN REVOLUCION CULTURAL PROLETARIA, 1970: 160)

Esse processo contou com a participação dos guardas vermelhos, os quais surgiram na cena política chinesa e passaram a exercer um papel de grande importância no desencadeamento da Revolução Cultural. A Guarda Vermelha era formada por estudantes secundaristas e universitários cuja origem era operária ou camponesa. Eles promoveram uma forte atividade de propagação da Revolução Cultural por toda a China, incentivando o combate contra a reprodução de práticas ditas burguesas.

Sabe-se que a China tentou colocar em prática a construção de um estilo de socialismo baseado na educação, na organização e num conjunto de valores morais. Visando justamente as transformações das relações

humanas, o Partido Comunista Chinês pôs em prática o retorno periódico dos quadros do Partido e da intelectualidade à base, ou seja, frequentemente eles eram enviados para o trabalho produtivo nas fábricas ou nos campos para se manterem sempre em contato com as massas. O objetivo maior desse empreendimento era promover uma retificação constante da ideologia, da cultura e do comportamento dos quadros do Partido através do trabalho produtivo e da convivência com os operários e camponeses.

A educação dos indivíduos na China tinha dois âmbitos: o político e o moral. Audrey (1976) afirma que existia um grande projeto pedagógico na China imposto aos homens, mulheres, jovens e velhos por meio da imprensa, do sistema escolar e do trabalho. Isto pode ser notado através da leitura do 10º ponto do documento *A Resolução dos 16 pontos*, de acordo com o qual

El período de estudios debe acortarse. Las asignaturas deben ser menos y mejores. El material de enseñanza debe ser cabalmente transformado, en algunos casos comenzando por simplificar el material complicado. La tarea principal de los estudiantes es estudiar, pero deben también aprender otras cosas. Es decir, no solo deben estudiar los libros sino que aprender el trabajo industrial, la agricultura y los asuntos militares y cuando se presente el caso, tomar parte en la lucha de la revolución cultural para criticar a la burguesía (DECISIÓN DEL COMITE CENTRAL DEL PARTIDO COMUNISTA DE CHINA SOBRE LA GRAN REVOLUCION CULTURAL PROLETARIA, 1970: 160)

Esse tipo de “educação política” induzia o indivíduo à honestidade, à economia, ao igualitarismo, à ligação com as massas e a não separação entre o trabalho manual e intelectual. Justamente nesse estilo de sociedade, o indivíduo possuía a idéia de correção dos seus erros comportamentais e políticos, os quais seriam retificados através de uma autocrítica ou reeducação.

Paralelamente, la lucha contra toda degeneración de clase del partido y el Estado, fue concebida algunas veces, como el constante empeño de cada militante para mantener su identificación con los problemas y necesidades del proletariado, para resistir a las

Cristiane Soares de Santana

tentaciones del privilegio, el autoritarismo y la burocratización. (PISCHEL, 1973: 28).

Durante os anos da Revolução Cultural, a reeducação se tornou uma prática largamente utilizada como instrumento de correção dos quadros do Partido que haviam se burocratizado. Porém, nesse contexto marcado por uma intensa luta política, a autocrítica e as “campanhas de reeducação” ganharam uma conotação diferente se transformando numa forma de desqualificação ou perda de prestígio do oponente.

Existiam as Escolas de Quadros 07 de maio, que eram locais onde os ex-funcionários do governo, escritores, médicos, intelectuais, professores que “seguiam a via capitalista”, eram enviados para se reeducarem através do trabalho produtivo e também receberem cursos de formação política.

Milhões de funcionários foram exilados para os campos de trabalho forçados que tinham o nome anódino de “Escolas de Quadros 07 de maio”. Esses campos também receberam os guardiões da cultural – artistas, escritores, intelectuais, atores e jornalistas. (CHANG, 2006: 642)

Os locais da reeducação se situavam no interior da China, em aldeias onde não havia água encanada, sistema de esgoto e luz elétrica, ou seja, os reeducados deveriam viver, comer e trabalhar como o povo. A dureza do trabalho no campo e na fábrica estava ligada à idéia de aprendizado com as massas através da “reeducação ideológica” pelo trabalho produtivo. Afinal, de acordo com Mao Tsé Tung:

Em seu conhecimento, o homem, dependendo essencialmente da atividade na produção material, compreende progressivamente os fenômenos, as características e as leis da natureza, assim como as relações entre ele próprio e a natureza. E, através da atividade produtiva, ele adquire progressivamente e em graus diferentes o conhecimento de certas inter-relações entre os homens. Nenhum desses conhecimentos pode ser obtido isolado da atividade produtiva. (TSÉ-TUNG, v. I, 1961: 272-287)

Essa idéia de sacrifício estava diretamente ligada ao processo de reforma do pensamento através do qual o cidadão deveria se aproximar

cada vez mais dos camponeses nos seus hábitos e no seu tipo de trabalho para se tornar um “homem novo”, ou seja, apto à revolução.

A integração na China não se restringiu somente ao campo, pois as fábricas também foram utilizadas como locais de reeducação pelo trabalho, já que a ação do Partido não deveria ficar restrita ao campo. O trabalho nas cidades não deveria ser abandonado, pois, a ação do operariado serviria de apoio à ação dos camponeses nas bases de apoio rurais. Logo, Mao afirmava que “O nosso Partido deve, pois, prestar toda a atenção ao trabalho nas grandes cidades e ao longo das principais vias de comunicação, e, em particular, ganhar a si os operários e intelectuais”. (TSÉ TUNG, v. IV, 1979, 113)

Desde a fundação da República Popular da China, em 1949, o Partido cobrava de seus quadros a renúncia aos hábitos burgueses e a dedicação completa à revolução. A isto está diretamente ligado o combate ao individualismo através da renúncia, do igualitarismo, da honestidade e do fim da separação entre o trabalho manual e intelectual; sendo que esses aspectos faziam parte da diretiva da “reeducação ideológica” através do trabalho nas fábricas e no campo. Tanto que em 1937, Mao Tsé Tung declamou numa Conferência Nacional do Partido Comunista que:

Esses quadros devem compreender o marxismo leninismo, ser dotados de visão política e capacidade para o trabalho, devem ter grande espírito de sacrifício, ser capazes de resolver problemas de maneira independente, ser inabaláveis em meio as dificuldades e trabalhar leal e devotadamente pela nação, a classe e o Partido. A linha do Partido é confiar nesses homens para trazer os militantes ao contato com as massas, e confiar em sua firme capacidade de dirigir as massas e atingir o objetivo de derrotar o inimigo. Esses homens não devem se deixar levar pela auto-suficiência, pelo heroísmo individual, a jactância, a indolência, a passividade ou sectarismo arrogante; eles são os abnegados heróis da nação e da classe; tais são as qualidades e o estilo de trabalho que os membros, quadros e líderes do Partido devem possuir. (TSÉ TUNG, v.I, 1961, 269)

A Revolução Cultural impôs um novo ritmo de vida à população chinesa, onde a tentativa de construção do socialismo estava diretamente associada à imagem de um “homem novo”, que serviria ao povo e aprenderia com as massas para promover um verdadeiro processo de transformação

na sociedade. Assim, foi esse modelo de sociedade perfeita que foi exportado para o mundo ocidental e acabou atraindo uma parcela da esquerda brasileira, incluindo a Ação Popular, o Partido Comunista do Brasil (Ala Vermelha) e o Partido Comunista Revolucionário, os quais na busca do “homem novo” integraram seus militantes no campo e/ou nas fábricas para que estes organizassem a revolução brasileira com base na guerra popular prolongada, que visava efetuar o cerco das cidades a partir dos campos.

A experiência da Revolução Cultural tornou-se um processo complexo na medida em que estudantes e trabalhadores elevaram ao extremo as formulações maoístas sobre a necessidade de se levar a diante uma transformação eficaz do processo de produção capitalista.

Baseada nesta iniciativa de massas, a Revolução Cultural teve como principal limitação a compreensão errônea da essência das relações de produção na China. A consequência disso foi a não percepção de que as contradições dentro do Partido e do aparato estatal eram oposições entre classes sociais, cuja existência está ligada a não transformação das relações de produção capitalistas, e não relacionadas a conflitos limitados a questões políticas. (NAVES, 2005)

Tal interpretação acabou fazendo com que a Revolução Cultural Chinesa passasse a ser lembrada como uma fase repleta de excessos e marcada por sessões de autocrítica, expurgos partidários, humilhações em público, espancamentos e pela reeducação, a qual era vista como uma forma de recuperar os cidadãos chineses dos seus “desvios” de conduta política para o socialismo.

Pode-se acreditar que tais dificuldades teóricas e práticas citadas anteriormente acabaram promovendo a desarticulação dessa experiência singular de tentativa de construção do socialismo na China.

Marcada por intensas lutas entre o núcleo radical do Partido Comunista Chinês (ligado a Mao Tsé Tung), formado por sua esposa, Chiang Ching, Zhang Chunqiao, Yao Wenyan e Wang Hongwen, que recebeu o nome de “Bando dos Quatro” e a ala dita burocratizada do Partido, a qual tentava reconstruir os órgãos do Partido com uma participação popular mais

reduzida, a Revolução Cultural Proletária estendeu-se até 1976, no esforço já limitado de revolucionarização das relações de produção.

Com a morte de Mao Tsé Tung, em setembro de 1976, o Bando dos Quatro foi destituído, julgado e condenado pelos excessos cometidos durante a Revolução Cultural. Deng Xiaoping retornou ao poder, o assumindo oficialmente na Terceira Sessão Plenária do 11º Comitê Central, em dezembro de 1978, dando início a uma nova era da história da China.

Bibliografia

- AUDREY, F. *China 25 anos, 25 séculos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- BERNAL, M. Mao e a Revolução Chinesa. In: HOBBSAWN, E. (Org.). *História do Marxismo*. v. 8. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- BETTLHEIM, C. *Revolução Cultural e organização do trabalho industrial na China*. Trad. Rita Lima. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. Título original: *Révolution culturelle et organisation industrielle em Chine*.
- BETTLHEIM, C; CHARRIESE, J. ; MARCHISIO, H. *A construção do socialismo na China*. Porto: Editora Portuguesa, 1971.
- BULATOV, B. *O maoísmo contra a cultura - A Revolução Cultural na China e seus efeitos*. Lisboa: Edições Sociais, 1977.
- CAVALCANTE, R. "As mil e uma faces de Mao." *Revista Aventuras na História: viajando no tempo*. v. 32, p. 30-37, Abr. 2006.
- CHANG- FENG, C. *Em La Gran Marcha com el Presidente Mao*. 1960. (Ediciones em Lienguas Extranjeras Pekin).
- CHANG, J. *Cisnes selvagens: as três filhas da China*. 2.ed. São Paulo: Cia das Letras, 2006.
- CHANG-SHENG, S. "Interações entre Mao e os guardas vermelhos na Revolução Cultural". *Revista Diálogos*. Maringá, Universidade Estadual do Maringá, v.9, n.3, p. 137-166, 2005.
- _____. "O movimento Cem Flores: uma reflexão sobre a política do Partido Comunista Chinês em relação aos intelectuais". Disponível em: <<http://www.historia.uff.br/nec/textos/text32.PDF>>. Acesso em: 18 jun. 2006.

Cristiane Soares de Santana

- DAUBIER, J. *História da revolução cultural chinesa*. v.1. Lisboa: Presença, 1974.
- _____. *História da revolução cultural chinesa*. v. 2. Lisboa: Presença, 1974.
- DEUTSCHER, I. *Ironias da história: ensaios sobre o comunismo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- DEVILLERS, P. *Conhecer Mao*. Lisboa: Ática, 1976.
- FAN, K.H. *La revolucion cultural China*. [S.l.]: Ediciones Era, 1970. (Documentos selecionados y presentados por K.H.Fan).
- FAIRBANK, J.K; GOLDMAN, M. *China: uma nova história*. Porto Alegre, RS: L&PM, 2006.
- FERREIRA, M. “Carlos Marighella: revolução e antinomias”. In: NÓVOA, J. *Carlos Marighella: o homem por trás do mito*. São Paulo: UNESP, 2000.
- HALLIDAY, J.; CHANG, J. *Mao: a história desconhecida*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- JELOKHOVTSEV, A. *“Revolução Cultural” vista de perto*. Lisboa: Editorial Estampa, 1977.
- KERKFOF, L. V. I ; MATZHEN, R.H. *El Maoísmo*. 2.ed. [S.l.]: Fundacion Editorial de Literatura Reformada (FELIRE), 1996.
- MANDEL, E.; WU, S.; ROSSI, C.; ROUSSET, L. *A China antes e depois de Mao*. [S.l.]: Edições Antídoto, 1977.
- MORAVIA, A. *A Revolução cultural chinesa*. [S.l.]: Publicações Europa-América, 1967.
- NAVES, M. B. *Mao: o processo da revolução*. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- NÚCLEO DE ESTUDOS DO MARXISMO LENINISMO MAOÍSMO. A carta chinesa- a grande batalha ideológica que o Brasil não viu. 2003. 67-68, 430. (*Coleção Marxismo Contra o Revisionismo*, 2).
- PEYREFITTE, A. “De Confúncio a Mao: a tradição da autocrítica na China.” *História Viva*. Ano I, n. 10, p. 58-63, Ago. 2004.
- PISCHEL, E. (org.). *La revolucion cultural China*. Argentina: Ediciones Pasado y Presente, 1973.
- POMAR, W. *A Revolução chinesa*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.
- REIS FILHO, D. *Ditadura militar, esquerdas e sociedades*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

- _____. *A revolução chinesa*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- ROBINSON, J. *A revolução cultural na China*. Lisboa: Editora Ulisseia, 1968.
- SCHRAM, S. *Mao Tse Tung*. Rio de Janeiro: Biblioteca Universal Popular, 1968.
- SHILLING, V. *A revolução na China: colonialismo/maoísmo/revisionismo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984.
- SIJIE, D. *Balzac e a costureirinha chinesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- SNOW, E. *A Longa revolução*. 1973. (Publicações Dom Quixote).
- SPENCER, J. *Mao*. [S.l]: Editora Objetiva, 2000.
- TSÉ TUNG, Mao. "Sobre a prática". In: TSÉ TUNG, Mao. *Mao Tsé-Tung: obras escolhidas*. Trad. Renato Guimarães. Rio de Janeiro: Vitória, 1961, p.272-287.
- _____. "Lutar Para Ganhar Milhões e Milhões de Pessoas para a Frente Única Nacional Antijaponesa (1937)". In: _____. *Mao Tsé-Tung: obras escolhidas*. v. I. Trad. Renato Guimarães. Rio de Janeiro: Vitória, 1961, p.268-269.
- _____. "Estabelecer sólidas bases de apoio no nordeste (1945)". In: _____. *Obras escolhidas de Mao Tsé-Tung*. v. IV. São Paulo: Alfa-omega, 1979, p.113.
- _____. Sobre a luta contra os "três males" e os "cinco males" (1951-1952). In: _____. *Obras escolhidas Mao Tsé-Tung*. v. V. 2.ed. Lisboa: Vento de Leste, 1977, p. 69-76.
- ZHISUI, D. L. *A vida privada do camarada Mao*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

Recebido em abril e aprovado em julho de 2009.